

**OBJETOS SIMBÓLICOS COMO MEDIAÇÃO NO PROCESSO DE
REMEMORAÇÃO DE ANA TERRA POR BIBIANA EM *UM CERTO CAPITÃO*
RODRIGO**

HOLDEFER, Aline¹

MASSAGLI, Sérgio Roberto (Orientador)²

RESUMO: Este trabalho apresenta uma análise literária construída a partir da simbologia de determinados objetos, destacando em especial a simbologia atribuída à roca e à tesoura, concomitantemente com a relação de afinidade percebida entre a neta Bibiana e a avó, Ana Terra; e, em um segundo plano, a simbologia presente no punhal e no crucifixo. Os objetos observados são encontrados primeiramente na narrativa *Ana Terra*, e, em seguida, reaparecem em *Um certo capitão Rodrigo*, ambas as obras escritas por Erico Verissimo. Para compor esta análise, foram utilizados textos teóricos de Walter Benjamin sobre rememoração na literatura, e de Jean Baudrillard, que tratam da simbologia de objetos. Verifica-se que esses objetos são carregados de simbologia e responsáveis por desencadear lembranças afetivas, uma vez que, através deles, Bibiana rememora o passado da personagem Ana Terra e reflexiona a partir das dificuldades e tristezas vivenciadas por sua avó, além de refletir sobre os ensinamentos deixados por ela.

PALAVRAS-CHAVE: Um Certo Capitão Rodrigo. Rememoração. Objetos simbólicos. Walter Benjamin. Jean Baudrillard.

1 TECENDO OS PRIMEIROS FIOS: OS OBJETOS REMEMORATIVOS

O presente trabalho busca apresentar as análises feitas com base no valor simbólico de alguns objetos, os quais servem de mediação no processo de rememoração da personagem Ana Terra. Esta personagem é lembrada em especial por sua neta Bibiana Terra Cambará, uma das figuras centrais do livro *Um Certo Capitão Rodrigo*, narrativa encontrada no volume 1 de *O continente*, que faz parte da trilogia de *O tempo e o Vento*, de autoria do escritor rio-grandense Erico Verissimo.

Desta forma, no decorrer deste artigo verificar-se-á a simbologia que

¹ Graduanda em Letras Português e Espanhol pela Universidade Federal da Fronteira Sul, Campus Realeza/PR. E-mail: alyneholdefer@hotmail.com.

² Doutor em Estudos Literários pela UNESP. Professor adjunto de Teoria Literária na Universidade Federal da Fronteira Sul, Campus Realeza/PR. E-mail: sergio.massagli@uffs.edu.br.

carregam os objetos tesoura e roca, apresentados com mais intensidade e que são responsáveis por estabelecer uma fortíssima relação de afinidade entre avó e neta, e, posteriormente, os objetos punhal e crucifixo, apresentados em um segundo plano e que fazem referência a outras personagens da obra, mas que não deixam de reportar à ilustre Ana Terra.

Um ponto importante que deve ser destacado diz respeito à existência destes objetos, uma vez que eles só continuaram sendo repassados de geração a geração graças a Ana Terra, pois, quando ela migrou de Rio Grande de São Pedro rumo ao povoado de Santa Fé, esses objetos foram uma das poucas coisas embutidas na pequena mudança.

Para tratar da rememoração, serão utilizados conceitos teóricos do ensaísta e filósofo Walter Benjamin e da especialista em suas obras, Jeanne Marie Gagnebin, como forma de apresentar e argumentar sobre essas memórias que aparecem no decorrer da narrativa. Além do mais, esse estudo, ao tratar do valor simbólico desses objetos, ancora-se nos pressupostos do filósofo francês Jean Baudrillard expostos na obra *O sistema dos objetos*.

Para finalizar o trabalho será estabelecida uma relação dos objetos da narrativa de Verissimo com a história da lenda das Parcas. Elas eram figuras da Mitologia Grega responsáveis por fabricar, cortar e tecer o fio da vida, sendo encarregadas de cuidar da vida dos seres humanos e dos deuses. Sendo assim, cada uma tinha uma função específica, tendo como instrumentos uma roca, o fio para tecer e a tesoura para cortar.

Dessa forma, é possível criar essa relação com os objetos tesoura e roca, apresentados nas duas histórias, uma vez que o fio tecido na roca simbolizaria o curso da existência dos seres vivos, enquanto que a tesoura estaria encarregada do destino desse ser sendo responsável por determinar o nascimento e a morte do mesmo. Essas discussões serão mais aprofundadas em uma das subseções finais deste artigo.

2 O PROCESSO DA REMEMORAÇÃO AGREGADO AO VALOR SIMBÓLICO DOS OBJETOS

No que tange aos objetos pertencentes a Bibiana e sua família, cabe ressaltar que a representatividade desses objetos deve-se ao fato de serem lembranças de

tempos muito difíceis, marcados, sobretudo, pelo contexto da Revolução Farroupilha, período de grandes batalhas, mortes e desrespeito contra a figura feminina. Além dessa dificuldade das pessoas conseguirem ter uma vida tranquila, a família de Ana Terra foi atacada brutalmente pelos castelhanos e teve grande parte da sua casa destruída. Além disso, a tragédia culminou na morte de seu pai, de um irmão e de dois escravos. Desse modo, esses objetos foram uma das poucas coisas que não foram destruídas; sendo assim, tanto os objetos como Ana Terra podem ser considerados sobreviventes daquele ataque.

Depois do lamentável acontecimento, a avó de Bibiana, que representa um arquétipo de mulher guerreira “começou a catar em meio dos destroços do rancho as coisas que os castelhanos haviam deixado intatas: a roca, o crucifixo, a tesoura de podar...” (VERISSIMO, 2005a, p. 70). Vivendo isolados e em perigo, Ana Terra juntamente com seu filho, sua cunhada e sobrinha, necessitavam ir embora daquele local, uma vez que novos ataques poderiam acontecer. Passados alguns dias, um pequeno grupo passou pela casa de Ana Terra, e foi então que surgiu a oportunidade de se mudarem para o povoado de Santa Fé, local que é cenário da narrativa de *Um certo capitão Rodrigo*.

O filósofo francês Jean Baudrillard, ao tratar do objeto antigo, afirma que este “não é nem afuncional nem simplesmente ‘decorativo’, tem uma função bem específica dentro do quadro do sistema: significa o tempo” (BAUDRILLARD, 1989, p. 82). Desta forma, pode-se dizer que os objetos da referida análise, não são apenas meras decorações, pois cada um apresenta as suas significações, de tal modo que eles se inserem na dimensão do tempo, uma vez que remetem a sua origem, em outra temporalidade, revivendo tempos em que foram utilizados por outros familiares.

Essa não funcionalidade parece ser o que lhes confere o valor simbólico, já que existem mais como signos do que como coisas do mundo. Seu valor torna-se simbólico na medida em que se diferem dos objetos funcionais, pois estes “existem somente na atualidade, no indicativo, no imperativo prático, esgotando-se no seu uso, sem ter tido lugar outrora e que, se asseguram mais ou menos bem o meio ambiente no espaço, não o asseguram no tempo” (BAUDRILLARD, 1989, p. 84). Assim, o tempo evocado e agregado ao objeto, investe-o de valor.

Para Bibiana, alguns objetos têm em si agregadas as histórias de sua avó, as quais rememora por meio deles e que vão constituindo a sua identidade. É através

da posse desses objetos antigos que Bibiana, em momentos de solidão e retraimento, afasta-se do instante presente e busca as suas raízes num passado rememorado. De acordo com Baudrillard, o objeto antigo é o signo que se evade do presente e “mergulha no tempo: regressão. O objeto antigo dá-se portanto como o mito de origem” (BAUDRILLARD, 1989, p. 84).

Ao tratar dos acontecimentos lembrados e vividos, Benjamin (2012) enfatiza que tudo o que é lembrado pelas pessoas é reinventado e ilimitado, não sendo uma visão linear do tempo. Em contrapartida, os acontecimentos finitos denotam uma ideia de algo acabado.

Pois um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo o que veio antes e depois. E, em outro sentido ainda, é a rememoração que prescreve o rigoroso modo de textura. Pois a unidade do texto está apenas no *actus purus* da própria rememoração, e não na pessoa do autor, e muito menos na ação (BENJAMIN, 2012, p. 38/39).

Jeanne Marie Gagnebin, uma das mais reconhecidas pesquisadoras do trabalho de Benjamin, em um de seus textos, “O trabalho de rememoração de Penélope”, propõe reflexões em torno da memória com base nos conceitos teóricos do autor alemão, as quais permitem afirmar que as lembranças que Bibiana tem de Ana Terra, são narrativas que dão conta de mostrar como era a época de sua finada avó, além das contribuições de Ana Terra na construção da identidade de Bibiana.

[...] a questão da memória é inseparável de uma reflexão sobre a narração, bem como de uma história ficcional da própria vida, da História de uma época ou de um povo. E as formas de lembrar e de esquecer, como as de narrar, são os meios fundamentais da construção da identidade, pessoal, coletiva ou ficcional (GAGNEBIN, 2014, p.218).

Benjamin constrói várias definições do processo rememorativo, salientando que a rememoração é responsável por fundar a tradição, já que repassa experiências de uma geração a outra. Segundo ele, “Ela tece a rede que em última instância todas as histórias constituem entre si” (BENJAMIN, 2012, p. 228). Além do mais, é através da memória que se busca um resgate daquilo que se viveu. É através da rememoração que Bibiana busca os vestígios de um tempo mais antigo em que sua avó era viva, procurando amparo nas suas lembranças como forma de

amenizar a saudade que sentia dela.

Em vários momentos da análise da narrativa de Érico Veríssimo é possível verificar esse resgate do passado, sobretudo quando Bibiana trabalhava na velha roca, herança familiar, que lhe propiciava os momentos de evasão da realidade circunstante. Dessa forma, a roca seria um lugar de refúgio onde Bibiana revelava suas inquietações com os acontecimentos que rodeavam a sua vida, ademais de rememorar fatos vivenciados por seus antepassados. Portanto, era no manuseio da roca que a urdidura das memórias se dava.

Benjamin argumenta, em “Experiência e pobreza”, que na modernidade não há transmissão de histórias, bem como havia nas gerações passadas, como se a arte de narrar estivesse sendo deixada de lado. O autor interroga: “Quem ainda encontra pessoas que saibam narrar algo direito? Que moribundos dizem hoje palavras tão duráveis que possam ser transmitidas como um anel, de geração em geração?” (BENJAMIN, 2012, p. 123). Sendo assim, pode-se dizer que os objetos analisados seriam como esse anel, uma herança repassada de uma geração a outra, nos quais é possível transmitir as experiências vivenciadas por Ana Terra. E se essa transmissão não for feita por meio de uma narração, ela origina-se através desses objetos simbólicos.

2.1 Visitando As Pontes Da Memória: Bibiana E Seus Objetos

Benjamin agrega em suas discussões, no ensaio “O narrador”, que a narrativa desempenha um papel utilitário, de tal modo que “essa utilidade pode consistir por vezes num ensinamento moral, ou numa sugestão prática, ou também num provérbio ou norma de vida – de qualquer maneira, o narrador é um homem que sabe dar conselhos ao ouvinte” (BENJAMIN, 2012, p. 216). Por conseguinte, se observou que a narrativa de *Um certo capitão Rodrigo*, destaca uma norma de vida, tendo em vista a similaridade do estilo vivido de uma geração à outra, uma vez que algumas experiências são repassadas de geração em geração, além do contexto histórico das guerras que rodeavam o Rio Grande do Sul, bem como as histórias tristes vivenciadas por cada geração da família Terra. Benjamin ainda revela que a narrativa nunca tem fim, pois sempre conserva as suas forças, sendo capaz de gerar muitos desdobramentos.

Voltando para os aspectos mais importantes que permearam a construção

desta análise, como foi dito anteriormente, o trabalho baseou-se em especial na simbologia da roca e da tesoura e às lembranças que os mesmos evocavam em Bibiana. A tesoura, por exemplo, apesar de velha e enferrujada, além de ter sido usada no nascimento de Bibiana, foi utilizada no parto do seu primeiro filho. A princípio, Bibiana receava o uso da tesoura, “dava-lhe um terror frio, pois achava horrível a ideia de cortarem o cordão umbilical da criança com aquela velha tesoura negra e enferrujada” (VERISSIMO, 2005b, p. 106).

No entanto, a repulsa ao objeto não serviu de nada, pois ele foi usado no primeiro parto de Bibiana, e, enquanto seu marido comemorava entusiasmado o nascimento da criança, que, além de ser o primeiro filho, era um menino, seu pai, Pedro Terra, que permanecia calado, “lançou um olhar enviesado e tristonho para a mesa, em cima da qual jazia a velha tesoura de Ana Terra” (VERISSIMO, 2005b, P. 110). Isso denota a ideia de que Pedro recordava de sua mãe Ana Terra, lembrando dos tempos difíceis pelos quais a família havia passado e que de certa forma ainda passava.

Cabe destacar que Ana Terra tornou-se uma parteira reconhecida por seu trabalho, “ganhou fama de ter ‘boa mão’ e não perdeu mais parto naquelas redondezas” (VERISSIMO, 2005a, p. 83). Talvez essa tenha sido umas das lembranças de Pedro, ao ver que a velha tesoura que estava em cima da mesa havia acabado de ser manuseada mais uma vez, possibilitando o nascimento de mais um ser, assim como nos velhos tempos em que era utilizada por sua mãe e que permitiu a vinda ao mundo de muitas crianças.

A roca parece ser o objeto mais simbólico de toda a narrativa, uma vez que esse objeto foi utilizado por sua tataravó portuguesa, por sua bisavó Henriqueta e por sua avó Ana. No romance *Ana Terra*, é possível encontrar um trecho que situa a origem de tal objeto quando diz que “Henriqueta olhava desconsolada para a velha roca que estava ali no rancho, em cima do estrado. Era uma lembrança de sua avó portuguesa e talvez a única recordação de sua mocidade feliz” (VERISSIMO, 2005a, p. 14).

Baudrillard salienta que “quanto mais velhos são os objetos, mais nos aproximam de uma era anterior, da ‘divindade’, da natureza, dos conhecimentos primitivos etc” (BAUDRILLARD, 1989, p. 84). Foi possível notar essa ‘divindade’ na roca, já que, de todos os objetos analisados, este é o de que encontramos uma referência mais antiga, devido ao fato de ter pertencido à tataravó de Bibiana. Os

demais objetos não apresentam uma informação exata de suas origens.

Além do mais, toda vez que Bibiana pedalava na roca, subitamente surgia uma explosão de recordações da sua finada avó. Trabalhar na roca era como se fosse algo destinado a todas as mulheres daquela família. Enquanto era viva, Ana Terra fez alguns pedidos ao seu filho, que deveriam ser realizados quando ela morresse. Dentre eles “o melhor mesmo é vosmecê também enterrar a roca junto comigo. Assim eu livro a Bibiana da sina de trabalhar nela” (VERISSIMO, 2005b, p. 24).

Esse pedido de Ana Terra deve-se, sobretudo, pelo fato de que sua mãe, Henriqueta, nem mesmo depois de morta havia se livrado da sina de trabalhar na roca. Ana Terra sabia que era na roca que os pensamentos e as inquietações fluíam, especialmente de forma negativa, já que recordavam e reflexionavam fatos tristes vivenciados pela família.

– Mãe. Ana Terra voltou-se para ele, resmungando: - Que é? – Está ouvindo? – Ouvindo o quê? – Um barulho. Escuta... Ana abriu os olhos, viu a escuridão e ouviu o ressonar de Maneco. – É o teu avô roncando – disse. – Não é, não. É a roca. Sim, Ana agora ouvia o ruído da roca a rodar, ouvia as batidas do pedal, bem como nos tempos em que sua mãe ali se ficava a fiar e a cantar. Não havia dúvida: era o som da roca. Mas procurou tranquilizar o filho (VERISSIMO, 2005a, p. 57).

Quando estava grávida do primeiro filho Bibiana passou a trabalhar mais tempo na roca, já que não tinha mais condições de ajudar seu irmão com as vendas devido ao seu estado. Era uma manhã em que o minuano soprava fortemente, e justamente neste dia, recordava da sua finada avó que costuma dizer “que o destino das mulheres da família era fiar, chorar e esperar” (VERISSIMO, 2005b, p. 109). De fato essa parece ser a sina das mulheres da família Terra, já que diariamente faziam seus trabalhos na roca, choravam quando algum mal rodeava sua família ou então quando seu marido ou filhos estavam lutando nas guerras, e esperavam numa angustia profunda que eles retornassem vivos para casa. Além do mais, viviam em uma época em que a mulher não tinha voz para muitas situações, sendo encarregadas dos serviços domésticos e de cuidar dos filhos.

Inúmeras lembranças perpassavam pela mente de Bibiana, de tal modo que era impossível não se emocionar com as tristezas que rodeavam a sua vida. A mulher lamentava a ausência da avó, a falta dos seus conselhos. Em um desses

momentos, Bibiana “imaginou Ana Terra com o bisneto no colo. Era pena que ela estivesse morta” (VERISSIMO, 2005b, p. 108). Esses detalhes enchiam seus olhos de lágrimas e faziam-na sentir uma saudade imensa do tempo em que a avó era viva, tempo marcado pelas contações de histórias. Além do mais, Bibiana já não tinha mais a quem confidenciar as suas mágoas.

Benjamin frisa que com o passar do tempo o ser humano acaba perdendo a riqueza dos detalhes de suas lembranças, no entanto algumas ações ou rememorações intencionais, não permitem tal esquecimento.

Em cada manhã, ao acordarmos, em geral fracos e semiconscientes, seguramos em nossas mãos apenas algumas franjas da tapeçaria da existência vivida, tal como o esquecimento a teceu para nós. Mas cada dia, com suas ações intencionais e, mais ainda, com suas rememorações intencionais, desfaz os fios, os ornamentos do olvido (BENJAMIN, 2012, p. 38).

Ao trabalhar com frequência na roca, Bibiana sente vivas as lembranças de sua finada avó, de tal modo que é na roca que ela recorda todos os ensinamentos deixados por Ana Terra, bem como as características psíquicas da avó, dentre elas o modo de avaliar as pessoas.

Bibiana havia herdado o gênio da avó, mais do que isso ela havia “crescido à sombra de Ana Terra, com a qual aprendera a fiar, a bordar, a fazer pão e doces e principalmente a avaliar as pessoas” (VERISSIMO, 2005b, p. 26). Em vários trechos é possível observar essa similaridade de ideias, bem como o modo de vida de ambas, tendo em conta que no quesito amor as duas não tiveram muita sorte. Vários personagens no decorrer da história comentam essa parecença, assim como o padre Lara de Santa Fé, quando afirma que “teve a impressão de que mais uma vez estava a conversar com Ana Terra, como nos velhos tempos” (VERISSIMO, 2005b, p. 156). Ou seja, era como se Ana Terra falasse por Bibiana, fazendo os demais personagens recordar da eterna mulher.

Em uma certa noite, Bibiana costurava com a sua mãe, Arminda, mas tinha o pensamento voltado para o capitão Rodrigo, de tal modo que acabou por espetar o dedo. Nesse momento sua mãe disse “-Vosmecê está aí sacudindo a cabeça e falando baixinho. Até parece a sua avó. Errou o ponto?” (VERISSIMO, 2005b, p. 34). Eram várias as expressões de Bibiana que denunciavam a sua semelhança com a avó.

A tesoura e a roca em especial, seriam objetos antigos que de acordo com o ponto de vista de Baudrillard (1989), refletem um “retrato de família”. Esses dois objetos apresentam uma simbologia maior e são mais destacados na obra em comparação com o crucifixo e o punhal. Por meio desses dois objetos também é possível verificar uma relação de proximidade entre Ana Terra e Bibiana. Desse modo, percebe-se que a roca e a tesoura são objetos que vão passando de geração em geração para as mulheres da família e que têm uma bagagem histórica e afetiva muito maior em comparação aos outros objetos.

2.2 Os Coadjuvantes: Do Punhal Ao Crucifixo

Com relação ao punhal, ele foi herdado por Juvenal Terra, irmão de Bibiana. Este punhal pertencia ao índio mestiço Pedro Missioneiro, homem pelo qual Ana Terra se apaixonou e engravidou, fatos que culminaram na morte do índio e na origem de Pedro (pai de Bibiana), uma vez que naquela época os costumes eram muito rígidos e as coisas eram resolvidas com mortes, já que não aceitavam desonras na família.

Quando o capitão Rodrigo chegou ao povoado de Santa Fé, causando estranhezas à população devido ao seu jeito atrevido de ser, e depois de quase se desentender com Juvenal Terra, não demorou muito para se tornar amigo do irmão de Bibiana. Em uma de suas conversas encontra-se a menção da origem do punhal de acordo com o conhecimento de Juvenal:

– Bonito punhal –disse Rodrigo. – É de prata? Juvenal olhou a arma como se a visse pela primeira vez. – Parece. – Onde comprou? – Foi minha finada avó que me deu. Era do marido dela. É mui antigo. Entregou o punhal a Rodrigo, que o rolou na palma da mão, com cuidado, passando depois os dedos pela lâmina. – Bom aço. – Olhou os arabescos da bainha de prata e murmurou: – Nunca vi um punhal assim. Deve ser estrangeiro. Juvenal deu de ombros e repetiu indiferente: – É mui antigo. Apanhou a arma e tornou a metê-la na bainha (VERISSIMO, 2005b, p. 90).

Pedro Missioneiro pressentindo que ia morrer entregou o punhal para Ana Terra, que o guardou e entregou para seu filho Pedro quando este se tornou um adolescente, e que mais tarde passou a ser de seu filho Juvenal.

Pode-se dizer que o punhal representa uma das armas necessárias da figura

masculina, especialmente por se tratar de um período marcado por conflitos contínuos. Observou-se que aconteciam muitas disputas por domínio de terras, já que o Rio Grande do Sul caracteriza-se por ser uma região de fronteira, ademais, eram frequentes roubos de animais e bens materiais, bem como a violação de mulheres, entre outras atitudes em que se fazia necessário estar prevenido caso uma situação de risco se originasse.

Quanto ao crucifixo, “com um Cristo de nariz carcomido”, este ficava pendido na cabeceira da cama de Pedro, podendo ser atribuído a ele a representação da fé religiosa. Esse objeto foi uma das poucas coisas que Ana Terra conseguiu trazer da estância em que vivia com sua família. O crucifixo representa a fé cristã da família, uma tradição que é repassada de geração a geração. Mais do que isso, o simples fato dele ter sido preservado provoca uma ruptura no tempo, já que não foi substituído por outro mais moderno.

Esse objeto não deixa de ser menos importante que os outros, pois se deve lembrar que naquela época Deus era muito “procurado”, principalmente pelas mulheres, já que o contexto da guerra afligia a população e Ele era o refúgio para muitas delas, pois esperavam angustiadas que seus familiares, geralmente esposo e filhos, retornassem sãos e salvos das batalhas.

Quando a família Terra foi invadida por uma tropa de castelhanos, observa-se Ana Terra suplicando por socorro às forças divinas “Seus olhos ergueram-se para o crucifixo, postaram-se no Cristo de nariz carcomido. Padre nosso que estais no céu, santificado seja o Vosso nome... O coração batia-lhe com uma força surda. O tropel se aproximava [...]” (VERISSIMO, 2005a, p. 63).

Em uma das passagens, encontra-se Bibiana apavorada diante do crucifixo fazendo promessas, pois dois homens estavam disputando o seu amor, a tal ponto que o neto do coronel Amaral e o capitão Rodrigo Cambará propuseram um duelo como forma de resolver essa disputa. A jovem temia que algum dos homens fosse morto, de tal modo que suplicava incessantemente pela sobrevivência de ambos.

Ela havia rezado diante do velho Cristo sem nariz e feito uma promessa. ‘Se nenhum dos dois morrer, prometo nunca mais comer doce’. Mas achara a penitência fraca. Prometera então rezar cem ave-marias e cem padre-nossos e ter uma vela das grossas sempre acesa aos pés da imagem de Nossa Senhora da Conceição, padroeira do povoado (VERISSIMO, 2005b, p. 83).

No dicionário de símbolos de Chevalier e Gheerbrant atribui-se várias definições para o objeto cruz, entretanto, no que se refere ao texto analisado pode-se dizer que o crucifixo é a grande via de comunicação entre seres humanos e Deus. De acordo com Chas, “ela é o mais universal, o mais totalizante. Ela é o símbolo do intermediário, do mediador, daquele que é por natureza, reunião permanente do universo e comunicação terra-céu, de cima para baixo e de baixo para cima” (CHAS apud CHEVALIER; GHEERBRANT, 1989, p. 309).

Baudrillard ainda ressalta que o objeto antigo “se reveste sempre, no seio do meio ambiente, de um valor de célula-mãe” (BAUDRILLARD, 1989, p. 87), como se esses objetos fizessem parte da constituição daquele espaço. Baudrillard (1989) esclarece que o objeto antigo não necessita de uma leitura, pois é entendido como lenda, já que possui um “coeficiente mítico”, além de ser autêntico. Ou seja, por ser caracterizado por uma série de histórias que são sempre repassadas, ele acaba sendo caracterizado como uma lenda.

Dessa forma, ao verificar que os objetos analisados comportam uma grande carga de simbologia que rememora fatos vividos por Ana Terra, conclui-se que eles também podem ser vistos como lendas para aquela família, pois possibilitam inúmeras lembranças, as quais jamais são esquecidas. Ou seja, ao falar de determinado objeto ou manuseá-lo, simultaneamente as recordações de Ana Terra perpassam pela mente dos familiares, trazendo à tona algum feito da ancestral.

A seguir será apresentada uma relação estabelecida entre os objetos que ficaram sob a guarda de Bibiana e os objetos utilizados pelas Parcas, de modo que se verificará uma metáfora que retrata ainda mais a simbologia presente nos objetos roca e tesoura.

2.3 Visitando A Mitologia Grega: O Mito Das Parcas Nos Objetos De Bibiana

Além das análises feitas a partir da simbologia dos objetos vistos acima, foi possível relacionar a narrativa de Verissimo no sentido do uso da roca e da tesoura com a *lenda das Parcas*. Conhecidas também como Mouras, as Parcas eram três irmãs que, segundo a Mitologia Grega, decidiam o destino tanto dos deuses como dos humanos. Elas fabricavam, teciam e cortavam a linha que representa a vida de cada pessoa ou deus. Cloto era quem segurava a roca e tecia o fio da vida; Laquesis era encarregada de puxar e enrolar o fio da vida, sendo assim ela

delimitava a sorte que cada ser teria durante a sua vida; por fim, Atropos era quem cortava o fio, sendo uma determinante da morte.

No dicionário de símbolos de Chevalier e Gheerbrant, especificamente na parte que trata da roca como fuso, se encontra uma relação de sentidos entre roca e lenda Parcas, de tal modo que o autor salienta que “Junto com o fuso, como no caso das Parcas, a roca simboliza o desenrolar-se dos dias, a existência cujo fio deixará de ser tecido, quando a roca se esvaziar. É o tempo contado, que termina inexoravelmente” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1989, p. 782).

Na versão espanhola do dicionário o objeto tesoura também apresenta essa relação com as Parcas, onde a tesoura é vista como um “atributo de las místicas hilanderas que cortan el hilo de la vida de los mortales. Por ello, símbolo ambivalente que puede expresar la creación y la destrucción, el nacimiento y la muerte” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1986, p. 442). Ou seja, a tesoura é responsável por determinar o surgimento ou até mesmo o fim da vida de um ser.

Com base nessas considerações, relacionando *Um certo capitão Rodrigo* com a *lenda das Parcas*, verificou-se que a roca apresenta um sentido quase mitológico, pois remonta a três gerações anteriores e tece o fio que seria o curso da existência, enquanto que a velha tesoura seria o determinante da origem da vida bem como o seu fim. Retomando Baudrillard (1989, p. 82), o “objeto antigo é puramente mitológico na sua referência ao passado”, já que é investido de valor puramente simbólico, destituído de finalidade prática e cuja presença serve apenas para significar.

3 CORTANDO O FIO DO TRABALHO

Durante a confecção deste trabalho de cunho bibliográfico, buscou-se apresentar alguns objetos com o intuito de analisar a simbologia evocada por cada um deles. Esses objetos foram observados a partir de duas narrativas de Erico Verissimo, *Ana Terra* e *Um certo capitão Rodrigo*. Assim como Benjamin (2012), quando aborda o anel que é repassado de uma geração a outra, marcado, sobretudo pelas narrativas que são repassadas para as gerações futuras, verificou-se que a roca, a tesoura, o punhal e o crucifixo também funcionam como heranças, já que são repassados de uma geração a outra, ao passo que são investidos de recordações afetivas, além da sua utilidade nas tarefas corriqueiras dos

personagens que tem acesso a esses objetos.

Alguns deles apresentam mais valor simbólico, dentre eles a roca e a tesoura. Isso acontece porque eles apresentam um elo muito forte entre Ana Terra e Bibiana. Além disso, eles aparecem com mais frequência em ambas as narrativas. A roca desencadeia muitas reflexões, sobretudo quando Bibiana está a pedalar produzindo roupas para a sua família. Era como se o barulho da roca lhe despertasse as ideias e propiciasse as lembranças de sua avó. A tesoura era responsável por lembrar os tempos em que Ana Terra era parteira, fazendo seus familiares recordar das diversas vidas que vieram ao mundo graças ao trabalho de Ana Terra, trabalho que continuou sendo efetuado pela mesma tesoura com os próprios filhos de Bibiana.

Em contrapartida, o crucifixo e o punhal aparecem com menos frequência no decorrer das narrativas, e também não estabelecem uma relação de afinidade entre neta e avó, pois o crucifixo ficava na casa dos pais de Bibiana, enquanto que o punhal ficou de herança para Juvenal, seu irmão. O crucifixo simboliza a fé cristã das gerações da família Terra. E o punhal faz referência ao pai de Pedro Terra, Pedro Missioneiro, um índio mestiço que apareceu ferido nas estâncias de Maneco Terra. Todos acreditavam que o marido de Ana Terra havia sido morto em um combate. No entanto, essa história foi ocultada aos futuros descendentes.

Para finalizar, assim como define Baudrillard, “todo objeto antigo é belo *simplesmente porque sobreviveu e devido a isso torna-se signo de uma via anterior*” (BAUDRILLARD, 1989, p. 91, grifos do autor). Portanto, os objetos analisados além de serem antigos e retomarem gerações passadas, apresentam uma grande simbologia, já que são responsáveis por retomar tempos passados, em especial, tempos vividos por Ana Terra. Esses objetos davam conta de evocar inúmeras lembranças, trazendo à tona a vida sofrida que Ana Terra teve, mostrando a mulher guerreira que era além de recordar aos que utilizavam tais objetos, os ensinamentos que a matriarca deixou para todos.

**OBJETOS SIMBÓLICOS COMO MEDIACIÓN EN EL PROCESO DE
REMEMORACIÓN DE ANA TERRA POR BIBIANA EN UN CIERTO CAPITÁN
RODRIGO**

RESUMEN: Este trabajo presenta un análisis literario construido a partir de la simbología de determinados objetos, en lo que se destaca en especial la simbología

atribuida a la roca y a la tijera, concomitante con la relación de afinidad percibida entre la nieta Bibiana y la abuela, Ana Terra; y, en un segundo plan, la simbología presente en el puñal y en el crucifijo. Los objetos observados son encontrados por primero en la narrativa Ana Terra, y luego después, vuelven a aparecer en Un cierto capitán Rodrigo, ambas las obras escritas por Erico Verissimo. Para componer este análisis fueron utilizados textos teóricos de Walter Benjamin sobre rememoración en la literatura, y de Jean Baudrillard, que tratan de la simbología de los objetos. Se verifica que estos objetos son cargados de simbología y responsables por desencadenar recuerdos afectivos, una vez que, a través de ellos, Bibiana rememora el pasado del personaje Ana Terra y reflexiona a partir de las dificultades y tristezas experimentadas por su abuela, además de reflexionar sobre las enseñanzas dejados por ella.

PALAVRAS CLAVE: Un cierto capitán Rodrigo. Rememoración. Objetos simbólicos. Walter Benjamin. Jean Baudrillard.

AGRADECIMENTO

A Deus, razão da minha existência, pela força nos momentos de desesperança e pelas palavras de conforto quando não havia mais luz.

Ao Professor Dr. Sérgio Roberto Massagli, pela orientação atenciosa, pela paciência, pela compreensão e pelo incentivo durante todo processo de construção do trabalho. Carregarei na lembrança seus preciosos ensinamentos e seu exemplo íntegro de professor, pesquisador e ser humano.

Aos meus queridos pais, pelo amor incondicional durante todo o percurso do curso, além do carinho e incentivo constantes que não encontrarei em nenhum outro canto. Obrigado por acreditarem em mim e terem disponibilizado recursos para que eu chegasse até aqui.

À minha irmã, Adrieli, pelos sorrisos, alegrias e conversas distraídas.

Aos professores do Curso de Letras, pela convivência, pelas aulas, pelas contribuições decisivas na minha formação, e pelas oportunidades diárias de aprendizado.

A todos os colegas e amigos da turma de Letras, pois sem vocês minha trajetória não seria a mesma e eu não teria chegado aonde cheguei sem o apoio de vocês.

Aos professores Dr. Saulo Gomes Thimóteo e ao Ms. Eduardo Alves dos Santos, pela leitura atenciosa do trabalho e por aceitar o convite em compor a banca examinadora.

REFERÊNCIAS

BAUDRILLARD, Jean. **O sistema dos objetos**. Editora perspectiva, 1989.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução Sérgio Paulo Rouanet; prefácio Jeanne Marie Gagnebin - 8ª Ed. revista - São Paulo: Brasiliense, 2012.

CHEVALIER, Jean. **Dicionário de símbolos**: (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números). Alan Gheerbrant [e a colaboração de, André Barbault ... [et al.]; coordenação Carlos Sussekind; tradução, Vera da Costa e Silva ... [et al.]. -2. ed. – Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.

CHEVALIER, Jean.; GHEERBRANT, Alain. **Diccionario de los símbolos**. Editorial Herber, Barcelona 1986.
Disponível em <file:///C:/Users/CLIENTE/Downloads/diccionario%20de%20los%20simbolos%20-%20jean%20chevalier.pdf>. Acesso em: 24 abr. 2016.

GAGNEBIN, Jeanne-Marie. **Limiar, aura e rememoração**: ensaios sobre Walter Benjamin. São Paulo: Editora 34, 2014.

MITOLOGIA GREGA. **As parcas**. Disponível em: <<http://eventosmitologiagrega.blogspot.com.br/2010/07/as-moiras.html>> Acesso em: 24 abr. 2016.

VERISSIMO, Erico. **Ana Terra**. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005a.

_____. **Um certo capitão Rodrigo**. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005b.